

S. PAULO — Quinta- feira, 22 de Dezembro de 1927

# Honra de gallo

"Emquanto a esposa dormia applicou-lhe uma machadada na cabeça."

"Louco de ciúmes, attrahiu a companheira para um lugar deserto e matou-a a canivetações."

(Dos jornaes)

Dois touros se golpeiam ferozmente por causa de uma novilha. As pernas enrijadas em musculos de aço sustentam a lucta nas pontas capazes de esstraçar as visceras do adversario.

Combate de forças fantasticas e não é possível nem se quer tentar separar os dois brutos.

Guerra de morte, guerra sem treguas, combate singular em que a victoria deve caber ao mais valente.

O vencido cambaleia exaustão, escorregado, batido, deshonrado...

O vencedor ergue gloriosamente a cabeça e vai farejar a sua conquista de animal, e o seu prestigio cresce e o seu andar e toda a attitude do seu corpo possante indicam o orgulho de ser forte, a validade de ser unico.

Dois gallos sangram-se com os esporões valentes, arrastados ambos pela força selvagem dos instinctos baixos de egoismo feroz, pela energia incoherente, impulsiva dos seres primitivos — dentro do objectivo de vencer pelas armas naturaes, de dominar sozinho, de ser o unico macho no terreiro, o dono, o invencivel, o senhor exigente, proprietario exclusivista de toda uma capoeira.

Homem! Não tens vergonha de te nivelares no gallo, no touro, nos que vencem com as esporas, as pontas, as garras ou os dentes?

Es, o qual covardes acrescentaste ás tuas armas naturaes, as armas de fogo e as armas brancas.

A tua honra, essa honra que "lavas" no sangue da tua victima, essa tua honra problematica, encastada, pela força da lei, da rotina e das convenções sociais, no corpo da tua companheira indigna, essa tão decantada honra é a honra do gallo, do touro, do cão ou do gato.

É o egoismo ancestral, é o instincto da besta-fera, é a validade feroz do macho, e nada mais.

Não surgiste ainda de entre a bestialidade do animal, o ser que se diz racional, evoluído, civilizado!

As tragedias conjugaes, os ciúmes emmanhosos são as luctas dos gallos no terreiro ou dos garrotes no curral.

E esses mesmos donos, proprietarios legaes ou convencionaes do sexo oposto fazem creche de gallos para se

instinctos baixos do animal egoista até o exclusivismo do ciúme, injustificavel numa criatura evoluída.

Quando chegaremos a comprehender que a mulher, como o homem, é a dona do seu proprio corpo e delle pôde e deve dispôr á vontade, illuminada pela sua consciencia — a unica lei para o que aprendeu a respeltar-se a si mesmo!

A mulher, como o homem, evoluiu pela mesma escala zologica, e tem as mesmas necessidades physiologicas e o mesmo direito á liberdade de eleger, para seu companheiro, o que lhe parece melhor, sob o ponto de vista da sua capacidade para admirar: como animal bello ou forte, como mentalidade ou como superioridade moral.

Que direito tem o homem de impedir as suas experiencias através do amor como através de todas as contingencias da vida?

Que pôde todo o arsenal dar armas contra o sentimento affectivo, contra a livre escolha do coração, contra o Amor em qualquer das suas manifestações?

O latrão é theatral e ridiculo, consequentemente. E' além de tudo, fanfarrão, grotesco na sua valentia de gallo de rinha.

Mas, não diverte esse palco, esse scenario de tragedias dolorosas, mesmo quando o protagonista se entrega á polleia e confessa, valente, cynico ou altivamente o acto em que devia defender e "lavar" a sua honra, conspurcada pela esposa ou pela companheira indigna.

É doloroso verificar que a maioria dessas tragedias se dá nos meios proletarios.

O proletario, escravo do capital e do salario sacrifica a sua escrava, por sua vez.

A mulher é duplamente escravizada: é a escrava social nesta organização burgueza-capitalista que vive da exploração do homem pelo homem e é a escrava do homem, a tutelada millenar na civilização que nunca a considerou senão como objecto de prazer ou de trabalho, e a machina de procrear carne para canhões.

É o operario sacrificando quem sacrifica a pobre escrava ignorante, a imbecilizada secular através do dogma religioso e da força bruta do senhor ex-

legues ou convencionaes do sexo opposto, fazem criação de gallos para se divertir, como homens máus que se divertem com as brigas dos garotos.

É por trás dos tapumes e das cercas, a fazendeiro e os "camaradas" assistem, ridentes, á lucta entre os dois touros invencíveis.

Sorriem entre si como si sorrissem par. as fraquezas das crianças. Entretanto, procedem exactamente com a mesma furia infantil e selvagem, indomável e primitiva dos que começam a escalar o cyclo da vida. São os mesmos instinctos, as mesmas forças vibrando incoherentes em meio do tumultuoso vir-a-ser, do esforço de todas as cousas — para a harmonia universal.

A differença é que o touro não maltrata a novilha que se dá ao vencedor, nem o gallo exporela as gallinhas que se entregam ao mais valente. A lucta é apenas entre os dois machos para a conquista e a gloria do primelro entre os primelros. Conquista de selvagens, gloria de appetite brutal insaciavel.

É nas tragedias conjugaes ha, mais ainda, o preconceito perverso de que a mulher é a propriedade inalienavel do homem, é sua presa e tambem é "culpada", e "deve" submeter-se á "justiça" do proprietario legal ou não, do senhor feudal de um feudo inexpugnavel, nascellado na rotina, nos prejuizos sociais, na ignorancia cultivada da mulher — a eterna infantil, a tutelada molleñar.

É Juizes, magistrados, accusadores, Jurados são outros tantos machos a defender os seus direitos e é por isso que os matadores de mulheres são sempre absolvidos pela lei — cúmplice na "detesta sagrada da honra" do sexo masculino.

É a civilização, a sociedade: curral de touros, scenario de rinha.

Espectaculo deprimente mesmo para quem se considera o rei da criação, o ser racional, civilizado pelo christianismo.

Pobre Nazareno que andava pregando por toda parte: "Não matarás; Não julgues para não serdes julgados; Quem não tiver peccado que atire a primelra pedra. Amal-vos uns aos outros."

É em nome dessa doçura, dessa bondade, desse amor, que os homens estrangulam as suas companheiras ou se estrangulam entre si, como os tigres e os chuenes.

É a rotina é implacavel: no theatro, na imprensa, na literatura, na educação, no pulpito como nos palcos, na sociedade como na familia — tudo inclina á defesa dessa honra de brutos, dessa honra da besta-féra encurralada nos

ligiões e da força bruta do senhor exigente e egoista.

Mas, convem notar: os crimes passionaes se verificam mais communmente nos palcos latinos, nos palcos da minoria catholica... O italiano theatral, o hespanhol "vallen-e", o portuguez e o brasileiro catholico feudaes, é o cavalleiro nadante das "castellãs" e "anjos" e "deusas" e rainhas" o protagonista nos scenarios dos crimes passionaes.

Ninguém me convence de que o Amor é exclusivista, egoista e criminoso.

Essa gente mata em nome do Amor como os Inquisidores e os autos de fe queimavam vivos as criaturas em nome daquelle Christo simples, chelo de bondade, illuminado de belleza, aureolado de serenidade e paz e grandeza interior.

O Amor não mata, o Amor é fonte de vida, e é através do Amor que os seres sobem a escadada da evolução para uma finalidade mais alta.

O que mata, o que se vinga, o que tem elumes, o exclusivista é o ser inferior, dominado pelo instincto dos animales bestializados, impellido pela mesma força inconsciente, pela mesma vibração selvagem, brutal, que estimula o gallo, o touro, o tigre ou a panthera a luctar para a posse exclusiva da fema.

É a honra "lavada" pelo homem não passa do instincto bestial das pantheras, dos touros ou dos gallos do terreiro.

As expressões retumbantes, as palavras, a linguagem humana estão a serviço das paixões, das balbezias, das misérias sociais, a serviço do instincto e da força armada.

Honra de gallos de rinha, dignidade de touros, reivindicações de brutos famintos, insaciaveis.

Quando comprehenderemos a necessidade de uma educação no inverso, o combate ao exclusivismo em amor, ao elume, quando sentiremos o rispido desse "lavar da honra" dos nossos gallos e dos nossos touros de formas humanas?

É si a mulher resolvesse representar o papel de certos insectos, do gafanhoto, por exemplo, para defender-se do egoismo do macho, ou tambem para defender e lavar a sua honra, não ficaria uma só cabeça masculina para cuspir nos outros que o exclusivismo ou o egoismo sexual é odioso e irracional, é proprio dos brutos e não dos seres humanos civilizados, moralistas phariseos, christãos caridosos e plebeos...

Maria Lacerda de Moura.